



Prato de Ciência - Arroz com feijão

Agricultura Familiar

Sérgio Schneider

VINHETA: samba de umbigada

SÉRGIO: Bom dia a todos e a todas que nos escutam aqui nesse bate papo no Arroz com Feijão, pode ser também Feijão com arroz, né? Quero agradecer o Gustavo e o pessoal da Unicamp por este convite. Meu nome é Sérgio Schneider, eu sou professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalho em Sociologia e Desenvolvimento Rural, e as minhas áreas de pesquisa são em Sociologia da Alimentação, mas também Sociologia do Desenvolvimento Rural, as temáticas relacionadas aí às questões agrárias e rurais. Mas nos últimos anos eu tenho crescentemente me dedicado às questões alimentares, e de mercados e de cooperativismo, são meus grandes temas de pesquisa no momento, né. Então em face disso é que a gente se faz a seguinte pergunta: qual o lugar dos agricultores familiares neste novo cenário que vem se desenvolvendo, né, ainda mais agora que a gente tá vivendo essa crise, dupla crise, uma crise da pandemia, né, o Corona, e agora essa crise decorrente do conflito na Ucrânia em relação à ocupação da Rússia. Bom, para a gente discutir o papel da Agricultura Familiar no momento, no contexto atual, eu acho que é preciso primeiro lembrar que a gente vive num mundo em que houve nos últimos vinte anos uma globalização do Sistema Agroalimentar. Que começou lá atrás, especialmente com as sementes, né, as sementes foram internacionalizadas. Depois veio o pacote tecnológico dos insumos, com as sementes geneticamente modificadas e depois disso, né, houve um processo muito rápido e forte de internacionalização do comércio agrícola. Esse processo também já existia anteriormente, mas ele se tornou particularmente mais agressivo a partir dos anos 2000 e nos últimos dez, quinze anos, com o poder cada vez mais importante de grandes empresas transnacionais, que também existiam, mas a novidade é que elas passaram a se fundir, a ter fusões e aquisições. Bom, a última etapa desse processo, da globalização alimentar, é o processo chamado na literatura de "super mercadização", em que os supermercados passaram a se concentrar fortemente, de tal modo que a população acessa os alimentos que consome basicamente através dos supermercados. No Brasil, quase 80% dos alimentos chegam aos consumidores via supermercados, segundo estudo feito pelo professor Belik. Bom, então a gente se questiona nesse contexto de Globalização qual seria o lugar da Agricultura Familiar, ou qual a chance da Agricultura Familiar de ocupar um espaço ao sol nesse processo. Bom, não são novas as previsões sobre os agricultores familiares, de que eles desapareceriam assim que o capitalismo se desenvolvesse de uma forma mais avançada e para dizer digamos assim de uma forma sucinta, os agricultores familiares não desapareceram. Nem nos países onde o capitalismo digamos assim é considerado avançado, nem nos países em desenvolvimento, e nem nos países mais retardatários, se a gente quiser usar essa classificação digamos assim meio complexa, né. Segundo a FAO, as últimas estatísticas dizem que existem em torno de 580 milhões de estabelecimentos agropecuários no mundo, dos quais 500 milhões são de agricultores familiares ou *smallholders*, que são



Prato de Ciência - Arroz com feijão

Agricultura Familiar

Sérgio Schneider

os pequenos produtores. Aliás, esse termo Agricultura Familiar é um termo que não caiu nas graças da literatura internacional, o pessoal não gosta de falar em *family farmers*, preferem falar em *small skill farmers* ou *smallholders*, como o Banco Mundial e assim por diante. Essa ideia, essa palavra, esse conceito de Agricultura Familiar / *family farmers* é uma consequência das políticas e das ações que houve no Brasil desde o início da década de 1990 e sobretudo dos anos 2010 para cá, no Brasil e na América Latina. Então o Brasil e a América Latina juntamente conseguiram colocar na agenda internacional esse termo Agricultura Familiar, infelizmente nos últimos anos houve um certo refluxo, e o pessoal voltou a falar de *smallholders*. Pois muito bem, como eu tava dizendo a Agricultura Familiar segue sendo majoritária no mundo, e no Brasil não é diferente, no Brasil segundo o último Censo Agropecuário de 2017, em torno de 86% quase 87% dos estabelecimentos continuam sendo de agricultura familiar. Então na América Latina idem, eu já escrevi vários trabalhos sobre isso, tem países em que ela chega a noventa e poucos por cento, outros países um pouquinho menos como no caso da Argentina. E essa Agricultura Familiar é muito diversificada, é muito heterogênea, não é igual, mesmo no Brasil um agricultor familiar aqui do Sul do Brasil, do Rio Grande do Sul, da região das Missões é diferente de um agricultor familiar do Semi-árido, do agricultor familiar da Amazônia, do agricultor familiar do Vale do Ribeira em São Paulo, tá certo? Essa é a primeira coisa que é preciso levar em conta, quando fala-se em Agricultura Familiar é preciso se falar de uma diversidade muito grande. Então a primeira coisa que eu queria nessa nossa conversa é dizer o seguinte: do papel econômico e político da Agricultura Familiar em termos estatísticos do mundo. Então não há dúvidas que ela é central, ela tem um papel crítico para o futuro do sistema alimentar. Bom, aí vem a segunda questão: mas de que forma a Agricultura Familiar se insere nesse quadro de uma Globalização Alimentar? Bom, tem várias posições, né, uma delas é que os agricultores familiares entrariam nesse processo meramente como fornecedores de matérias primas, dentro das cadeias globais de valor de alimentos, em que os agricultores se integram com as agroindústrias e fornecem matéria prima, como o caso do frango, do suíno, dos grãos e outros produtos. Bom, outros dizem, e há uma literatura interessante sobre isso, que os agricultores familiares vão ocupar nichos de mercado, vão ocupar espaços de produção de alimentos que não interessam ou não são tão lucrativos para as grandes empresas. Então o setor de hortifrutigranjeiros, por exemplo, e outros, depende o país também, e alguns outros produtos seriam da agricultura familiar. O fato é que se a gente pega o caso do Brasil, a Agricultura Familiar tem uma presença importante em quase todos os alimentos, né, inclusive na soja e na cana de açúcar, menos é claro do que na mandioca e no feijão, né, mas ela segue sendo importante. Na média, segundo os estudos de colegas economistas, a Agricultura Familiar produz cerca de 31% a 33% de tudo que a agricultura brasileira produz. Se a gente pega alguns produtos isso vai a 75%, 80%, e assim por diante, certo? Especificamente no que nos interessa aqui nesse podcast, pessoal, que é arroz e feijão, a Agricultura Familiar tem um papel fundamental na produção de feijão, já era mais importante, porque o



Prato de Ciência - Arroz com feijão

Agricultura Familiar

Sérgio Schneider

feijão tem se mecanizado em algumas regiões do país, mas no arroz aqui no Rio Grande do Sul a agricultura familiar segue tendo um papel importante, Santa Catarina também. E tem coisas novas interessantes na produção de arroz, por exemplo, aqui no Rio Grande do Sul a gente tem uma importância muito grande da produção de arroz orgânico por parte de agricultores familiares assentados. Agora me falta a memória, mas são algumas toneladas que os agricultores aqui da região metropolitana, que foram assentados em áreas não tão propícias para a agricultura, são terras baixas, então eles irrigam e fazem uma produção muito interessante de arroz orgânico, inclusive chegaram a exportar já. Então, não há dúvidas que a Agricultura Familiar tem essa importância, bom, ela pode ao mesmo tempo entrar nas cadeias, como pode desenvolver sistemas produtivos próprios para produção, por exemplo, de orgânicos ou produtos agroecológicos. Então, mas eu queria conectar essa discussão da importância da Agricultura Familiar com o tema com o qual eu venho trabalhando, e eu acho que o tema central do momento, que é a questão da transição para uma produção e um consumo de alimentos que sejam mais saudáveis e sustentáveis. O Sistema Alimentar globalizado tal como ele está colocado, com essas características de grandes cadeias, grandes supermercados, né, comida industrializada ultraprocessada, que é hoje o que viceja no mundo, ele é muito suscetível a críticas, né. Há vários tipos de críticas a esse sistema, primeiro que ele não resolveu aquilo que ele mais promete, que é o problema da fome no mundo, ou seja, continua havendo fome, e a fome coexiste com o desperdício de alimentos e com a obesidade crescente no mundo, né. Então as doenças não transmissíveis oriundas de má alimentação são hoje um grande problema, tanto nos países desenvolvidos, quanto nos países mais pobres. Há um grave problema de obesidade e de doenças correlacionadas, basicamente fruto da ingestão de comida ultraprocessada. Os estudos do professor Carlos Monteiro, aqui do Brasil, e vários outros são bastante claros nesse sentido. Bom, o Sistema Alimentar também é culpado, é apontado como um dos grandes culpados pelos problemas climáticos, pelas mudanças climáticas, por quê? Porque essa agricultura industrial é altamente emissora de CO₂, seja nos sistemas de produção animais intensivos na Europa e no Brasil, seja por exemplo, na agricultura extensiva como é praticada, por exemplo, aqui na região do Centro-oeste e na Amazônia, onde a produção de pecuária é responsável pelo desmatamento. Que essa agricultura industrial praticada em grandes extensões de cultivos homogêneos, ou monoculturas, né, ela acaba implicando na utilização excessiva de agroquímicos, certo? Então tem uma série de críticas enfim a esse sistema, mas uma coisa é fazer a crítica, a outra coisa é ter alternativas concretas para serem apontadas, e isso ainda não há, né. E nesse contexto de crise, por exemplo, com o desabastecimento de alguns grãos, por conta da guerra na Ucrânia, a tônica que vai voltar de novo ao cenário é “bom, falta alimentos no mundo”. Então, a resposta do sistema convencional vai ser: “precisamos aumentar a oferta”. E essa vai ser um cântico, uma ladainha que vai ser exaurida pelo setor que quer continuar fazendo mais do mesmo, uma agricultura que leva a esses problemas que acabei de relatar, e que não resolve as grandes questões que a gente tem para o momento, que são as mudanças climáticas e o



Prato de Ciência - Arroz com feijão

Agricultura Familiar

Sérgio Schneider

problema da fome no mundo. Veja o caso do Brasil, por exemplo, nós temos uma agricultura superavitária, um agronegócio que se autodeclara extremamente importante, que tem uma bancada política poderosíssima no Congresso Nacional, mas nós temos um país em que graceja a fome, a miséria, né, pessoas comendo ossos, as estatísticas mostrando que já chegamos em torno de 18 milhões de pessoas que não conseguem ter suficiente renda para consumir, ou que declararam, segundo os estudos dos colegas do Pensam e mesmo do IBGE, que estão em insegurança alimentar, segundo a EBIA. Bom, vocês sabem as estatísticas, né? Nesse contexto passa a ser fundamental e de grande relevância a questão das transições. Uma das transições a serem feitas é fazer com que o atual sistema existente precisa fazer a transição para a sustentabilidade e saudabilidade dos alimentos. Mas existem outras transições que precisam acontecer, que são as transições daqueles agricultores, daqueles produtores, daqueles consumidores, que não querem consumir os alimentos digamos convencionais. Essas novas transições que precisam acontecer, ela tem na minha opinião, eu tenho sustentado isso nos meus textos, nas minhas palestras e nos meus estudos, elas têm um ponto importante para as pessoas que estão nos ouvindo e que estão trabalhando nesta área da nutrição, que é a questão das dietas. Esta importância das dietas, ela tem várias causas, uma maior conscientização dos consumidores, em primeiro lugar, sobre os problemas de saúde ocasionados. Segundo, uma maior preocupação da autoridades, dos pesquisadores, com os problemas relacionados a saúde alimentar das populações, né, porque gasta-se muito em cirurgia bariátrica, gasta-se muito em manejo de resíduos orgânicos nas grandes cidades, né, o lixo orgânico, e uma série de outros problemas relacionados aí à alimentação inadequada. E o vetor que tem estimulado, um dos vetores causais, além desses dois que eu já mencionei, é que a questão das dietas caiu na preferência, né, digamos assim na preferência da classe média e das pessoas urbanas em geral. Se a gente for olhar a televisão aberta e mesmo os canais por assinatura hoje há uma enorme profusão de interesses em torno dos alimentos, em torno da prática de cozinhar, em torno das dietas, então tem opções para todos os lados. O que isso denota? O que isso me diz? Eu como sociólogo, eu presto atenção naquilo que em sociologia a gente chama de “fatos sociais”. A alimentação se tornou um “fato social” de fato. [Risos]. Desculpe aí a repetição. Mas e por quê ela é um fato social? Porque primeiro ela deixou de ser um fato apenas biológico e passou a ser uma preocupação da sociedade, como tema de saúde pública, e mais do que isso, as dietas passaram a ser um fator de organização das relações sociais e de organização de grupos sociais. Então você tem um programa de “x” cozinheiro, de “x” pessoa para um grupo social com aquela identidade, com aquela visão de mundo, você tem outro que tem outra perspectiva, você tem um programa para os produtores de alimentos que tem outra perspectiva diferente. Então, o alimento e a alimentação passou a ter essa capacidade de de fato se tornar um fator gerador de elos sociais e de processos sociais, tá certo? Então é por isso que a sociologia da alimentação surgiu para estudar isso, e é o que eu tenho feito ultimamente. E uma coisa que nós sociólogos então precisamos fazer é nos aproximar de forma cada



Prato de Ciência - Arroz com feijão

Agricultura Familiar

Sérgio Schneider

vez mais rápida e urgente com o pessoal que trabalha com a nutrição, também com agronomia, mas hoje o papo aqui é com o pessoal da nutrição, né. E inclusive eu estou muito simpático a uma abordagem que vem sendo chamada de “agricultura sensível a nutrição”. Estou orientando uma dissertação, já tem uma tese feita no Brasil, no Rio de Janeiro, no CPH, sobre isso. Porque essa abordagem da agricultura sensível à nutrição, ela diz: a agricultura precisa colocar no centro da sua preocupação não a produtividade, não a produção, não a oferta, mas sim o consumo. E vários economistas, vários estudiosos, vários cientistas sociais de modo geral, tem dito exatamente isso. O grande fator que vai alterar o sistema alimentar no século XXI vão ser as demandas dos consumidores. Então eu tenho feito essa argumentação, porque ela difere radicalmente daquilo que foi a Revolução Verde, no século XX, onde a oferta, a parte de aumentar a oferta mais tecnologia, foi o grande vetor de transformação. Hoje o grande elemento é o elemento da demanda, o elemento do consumo, tá certo? Por isso que essa questão das dietas ela é absolutamente central e ela na minha opinião tem o poder de gerar uma nova visão sobre o que as pessoas vão consumir. Então nós precisamos conseguir aliar os argumentos de natureza, eu diria assim, mais epidemiológicos, mais nutricionais stricto sensu, por exemplo, o que é um prato de comida saudável? Coma feijão, arroz, um pedacinho de carne pequena, né, ou não carne, e coma bastante salada. Então o nosso tema, o bate papo é no feijão com arroz, então o prato feijão com arroz é sabidamente pelos nutricionistas sendo de uma propriedade nutricional muito importante. Mas nós precisamos ter um arroz que seja de qualidade, um arroz que não seja produzido com agroquímicos, um arroz que seja produzido preferencialmente de forma orgânica, ou agroecológica, ainda melhor. Então aqui você conecta a questão das dietas saudáveis com as dietas sustentáveis, e neste aspecto, para ir concluindo a minha conversa com vocês hoje, eu acho que a Agricultura Familiar tem uma grande oportunidade, é uma janela de oportunidade que se abre, por quê? Porque os agricultores familiares eles têm duas coisas que só eles sabem fazer, em primeiro lugar os agricultores familiares são detentores de um conhecimento, de um saber fazer, sobre diferentes produtos, em diferentes territórios. Então, se você vai no Semi-árido lá as pessoas plantam, por exemplo, feijão, mas não é o feijão que se planta aqui no Sul, né, e não é o feijão que se planta em São Paulo, onde é o carioquinha, aqui no Sul é o preto, o vermelho, e lá no Semi-árido é o feijão de corda. Então os alimentos têm uma territorialidade, têm uma origem, têm uma procedência. E a Agricultura Familiar se adapta muito bem a isso. O Sistema Industrial de produção agrícola ele quer homogeneizar, ele quer economias de escala, ele quer ganhar na quantidade, ele quer ganhar na escala. A Agricultura Familiar ganha na diversidade, então o agricultor familiar que produz o seu produto tem a oportunidade de ir à feira, e cada vez mais consumidores estão sensíveis a comprar o produto diretamente do agricultor, por quê? Porque eles querem saber de onde vem a comida que eles estão consumindo. E muitas pessoas compram alimentos porque são a favor de dar apoio a determinados tipos de produtores, então por exemplo, tem pessoas que são sensíveis a comprar de agricultores que são orgânicos, são agroecológicos, por quê?



Prato de Ciência - Arroz com feijão

Agricultura Familiar

Sérgio Schneider

Porque é o compromisso deles com a preservação ambiental. Então as pessoas se dispõem a pagar um valor maior pelo alimento. É claro que tem outras abordagens, por exemplo, a gente tem estudado a questão do veganismo, né, tem gente que adota dietas veganas porque acha que dessa forma contribui para amenizar ou mitigar as mudanças climáticas, então vai na feira, vai em restaurantes, ou compra insumos veganos que seguem o mesmo sistema. Então tem uma série de questões aí envolvidas, mas eu acho que a Agricultura Familiar tem essa característica, ela ainda hoje é presente em todos os países, ela é presente nos territórios, e essa força da demanda, essa sensibilidade dos consumidores, e a necessidade de praticarmos cada vez mais uma alimentação saudável e sustentável abre uma enorme oportunidade para a Agricultura Familiar, nos diferentes espaços onde ela se encontra. E essas questões têm encontrado repercussão, têm encontrado espaço nas universidades, né, eu vejo na minha universidade, eu vejo em outras universidades que eu ando no Brasil, uma sensibilidade muito grande dos jovens, dos alunos, sobre essas questões. Se a gente tomar a sério a afirmação de que “a juventude é o futuro”, então eu tenho razões para crer que a juventude de hoje, ela fará a opção por uma alimentação diferente, né, para nutrir-se biologicamente e nutricionalmente, e ao fazê-lo ela vai apoiar, sustentar, suportar, dar apoio àqueles agricultores que são agricultores familiares, tá certo? Então, meus caros, eu acho que nessa crise, nesse contexto que a gente tá vivendo e delas eu espero que a gente possa tirar lições, né. E não esquecer que talvez as “briguinhas” humanas, as questões humanas, precisam ser resolvidas para que a gente possa enfrentar a Grande Crise. Que é uma crise também provocada por nós humanos, né, que é a crise climática. Não esqueçamos que nós estamos já, segundo alguns pesquisadores, no antropoceno, e o antropoceno, essa passagem de Era Glacial, foi provocada pelo exagero na emissão de gases do efeito estufa. Bom, não temos um outro planeta, não temos outro lugar para ir, não está no horizonte tão cedo mudarmos para outro lugar e eu mesmo não gostaria de abandonar o Planeta Terra, porque eu gosto muito daqui, adoro nossas paisagens, adoro o sol que nasce, adoro as nossas águas, enfim, as nossas montanhas. Então é bom que a gente preserve o planeta através das nossas práticas de alimentação, através das nossas decisões sobre o que comemos, de quem compramos o que comemos, e de que forma nos alimentamos. Eu deixo aqui um grande abraço a todos vocês e esperando em algum momento vê-los em pessoa, pessoalmente, de forma presencial em alguma das esquinas do Brasil. Muito obrigado! Tchau para vocês! Um abraço!

VINHETA: samba de umbigada